UMA LEITURA PSICANALÍTICA DO FENÔMENO SEQUESTRO DA SUBJETIVIDADE

VINÍCIUS FERREIRA AMARAL[1];
ELAINE CRISTINA SCHMITT RAGNINI[2;]

[1]*Universidade Federal do Paraná – amaral.vinicius@ufpr.br*
[2]*Universidade Federal do Paraná – elaine@ufpr.br*

Resumo

Esta pesquisa em construção pretende propor uma leitura psicanalítica do fenômeno sequestro da subjetividade, compreendido a partir do encontro do sujeito do inconsciente com a organização de trabalho. Trata-se de um fenômeno organizacional característico da produção capitalista em seu atual momento de desenvolvimento, configurando-se como uma estratégia sofisticada de controle sobre a subjetividade do trabalhador. Foi realizada uma revisão de escopo sobre o conceito sequestro da subjetividade, cujo objetivo foi identificar como - com quais referenciais teórico-epistemológicos - as pesquisas que se utilizam dele são feitas. Concluiu-se com a revisão que a maior parte dos textos encontrados focam em características da gestão que podem acarretar o sequestro da subjetividade. Assim, entende-se ser profícuo uma contribuição da psicanálise para o entendimento desse fenômeno, visto que apesar da vontade da organização, o sequestro pode se efetivar ou não, a depender da constituição subjetiva de cada trabalhador/a. O caminho construído fundamenta a subjetividade com os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (inconsciente, pulsão, transferência e repetição), adicionando-se o conceito de narcisismo. A contribuição dessa pesquisa e elaboração aponta que a dissimulação subjetiva gerada pela organização capitalista é o caractere chave para a vida corporativa contemporânea.

Palavras-chave: sequestro da subjetividade; psicanálise; dissimulação; economia política do poder.

Contextualização

O sequestro da subjetividade apareceu como conceito pela primeira vez no XXV Encontro Nacional da ANPAD - ENANPAD, 2001 e, pela sua relevância, foi investigado empiricamente por Faria e Meneghetti (2007) em um momento posterior. Neste texto inaugural ele aparece como estratégia de gestão que visa sequestrar os caracteres subjetivos do/a trabalhador/a para a organização que o/a contrata. É uma apropriação planejada e deliberada da capacidade do sujeito individual de elaborar criticamente sobre a realidade que o cerca. Se diferencia da captura da subjetividade por ser entendido como um fenômeno que possibilita ao/à sequestrado/a uma fuga, dadas determinadas condições.

Esse conceito faz parte da Teoria que o engendra - a Economia Política do Poder (EPP), desenvolvida por Faria (2004) nos três volumes de "Economia Política do Poder" e por Faria (2017) em "Poder, Controle e Gestão". Logo de início são apresentadas as bases críticas da teoria e uma observação a respeito da afirmação de Marx de que a consciência humana é determinada pela sua existência social e não o contrário. A posição de EPP a respeito disso é uma defesa da totalidade da

existência humana, considerando os aspectos objetivos e subjetivos da mesma. Conforme o autor: "o conjunto dos processos inconscientes e subjetivos e das relações sociais é que forma a totalidade da existência do sujeito e é esta totalidade que constrói sua consciência" (Faria, 2004a, p. 17).

Para compreender a existência social dos indivíduos se faz mister o entendimento acerca do trabalho, considerado na tradição marxista como (re)produção das condições materiais de existência social. A partir do momento em que foi instaurado - à base da violência - o regime capitalista de produção, o trabalho e todas as suas dimensões foram subordinados à lógica de *acumulação* e de *exploração* do capital. Portanto, a consciência humana é criada em um modelo que oprime os indivíduos que os compele a fazer parte de um sistema de dominação de poucos sobre muitos.

Segundo a tradição marxista, a consciência, a intencionalidade e a capacidade criativa é o que difere o trabalho humano do trabalho animal. No modo de produção social capitalista há três esferas do trabalho de maneira geral, sendo elas: *processo de trabalho; organização do trabalho;* e *relações de trabalho*. Essas esferas são fenômenos inerentemente humanos, fazendo parte de qualquer trabalho. Contudo, o capitalismo subsume esses três aspectos do trabalho humano para a sua lógica, que é de *acumulação* e de *exploração*. Assim, tanto aspectos objetivos como subjetivos da vida do/a trabalhador/a submetido/a ao capital são produzidos nas condições que este coloca. Isso acontece porque a única ética do capital é o lucro (Faria e Meneghetti, 2010) e esse é o seu único objetivo. Entretanto, há obstáculos na obtenção desse lucro, já que ele não acontece sem resistência (deliberada ou não) dos/as trabalhadores/as. É por esse motivo que se faz necessário controlar (deliberadamente) o processo de trabalho através de mecanismos de controle desenvolvidos historicamente junto com o modo de produção - cada fase do capitalismo possui seus próprios mecanismos de controle, que vão do controle do corpo ao controle dos afetos e da subjetividade.

A base para o entendimento desse aspecto do capital são os conceitos de *mais-valia absoluta* e *mais-valia relativa*. A mais-valia absoluta se trata do valor a mais retirado a partir do aumento da jornada de trabalho; a mais-valia relativa se refere ao valor retirado com o encurtamento do tempo necessário para a produção e só pode ser efetivada por meio de tecnologias, tanto físicas (maquinaria, por exemplo) quanto de gestão. E é dentro das tecnologias de gestão que o sequestro da subjetividade está inserido. É importante pontuar que as tecnologias de gestão (as físicas também, porém aqui enfoca-se as questões relacionadas à gestão de pessoas) se apresentam, propositadamente, como soluções para as contradições do trabalho sob o capitalismo. Contudo, essa aparência é, também, parte da estratégia de alienação dos trabalhadores quanto à sua exploração.

Os conceitos de mais-valia absoluta e mais-valia relativa se conectam com a questão da subsunção do processo de trabalho ao capital. Faria (2004a) classifica a subsunção entre *subsunção formal*, *subsunção real* e *subsunção real subjetiva*. A subsunção formal refere-se à relação puramente monetária entre o capital e o trabalho, em que é o capital que se apresenta como mediador entre o trabalhador e seu trabalho; a subsunção real, por sua vez, refere-se a uma revolução total no modo de produção, em que o capitalista aparece ao trabalhador através das tecnologias físicas e de gestão; já a subsunção real subjetiva diz respeito às especificidades político-ideológicas que subsumem não apenas o processo de trabalho ao capital, mas também o próprio trabalhador. É aqui que o *sequestro da subjetividade* começa a aparecer dentro da EPP. O sequestro aparece como tecnologia de gestão e tira a presencialidade do capitalista no exercício de poder sobre o proletário e decorre, não só, mas também, da constante estratificação social do modo de produção capitalista.

Um diálogo crítico em torno do conceito feito por Ferraz (2019) e Faria (2019), após as primeiras elaborações apresentadas pelo autor, ampliou e fundamentou o conceito para além do que estava exposto no texto de 2007. Portanto, ele pode ser pensado como uma sofisticação do controle da subjetividade, sendo este o *modus operandi* do capitalismo. Por necessidade, o capital investe em

tecnologias físicas e, principalmente, de gestão para ter para si todos os aspectos objetivos e subjetivos da vida do/a trabalhador/a. O sequestro está para além do controle da subjetividade e se realiza em uma identificação muito forte do/a trabalhador/a com a organização em que trabalha - podendo ser comparado com a Síndrome de Estocolmo. Contudo, a necessidade de investimento do capital em controle demonstra uma característica fundamental desse fenômeno: ele não acontece sem resistências por parte de quem é sequestrado/a.

Exatamente por ser uma tática de gestão que pode ou não se efetivar - a depender da constituição subjetiva de cada trabalhador/a - vale a pena investigar os caracteres subjetivos daqueles/as que se posicionam de maneira a adentrar nessa identificação total com a organização e o capital. Para isso, este trabalho pretende ler este fenômeno com conceitos psicanalíticos. O intuito é entender melhor as minúcias da efetivação deste fenômeno.

Objetivos

O objetivo principal desta pesquisa é analisar o conceito de sequestro da subjetividade a partir de um referencial teórico-metodológico psicanalítico. Para tal, propõe-se: i) identificar os pressupostos que constróem o conceito de sequestro e sua noção de subjetividade; ii) localizar os fundamentos psicanalíticos presentes na formação do conceito; e iii) à luz da psicanálise, analisar o sequestro enquanto encontro do/a trabalhador/a com a organização.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa teórica que pretende tensionar o conceito de sequestro da subjetividade com um olhar para o encontro do/a trabalhador/a com a tática do sequestro da subjetividade a partir do referencial psicanalítico. Para tal foi realizada uma leitura aprofundada da Teoria da Economia Política do Poder - expressa em Faria (2004; 2017), a fim de embasar o entendimento do conceito de sequestro. Isso é acompanhado de uma revisão de estado da arte com o objetivo de averiguar como estão sendo feitos os trabalhos que se referem ou fazem uso do conceito de sequestro da subjetividade. Além disso, pelo conceito de subjetividade utilizado no conceito de sequestro se diferenciar da discussão psicanalítica em torno dele, é feita uma revisão para tensionar, também, a noção de subjetividade presente na psicanálise com aquela proposta por Faria e Meneghetti (2007).

Por ser uma pesquisa em psicanálise, cabe caracterizá-la de acordo com o proposto por Lacan na “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” e dizer que é uma pesquisa de psicanálise em extensão, pois se trata da existência do analista para além do espaço clínico sem abrir mão do caráter clínico de sua atuação. Conforme Iribarry (2003) o trabalho do pesquisador-psicanalista com o material empírico (bibliografia é, também, material empírico se tomado dessa forma) é de uma leitura-escuta com o texto que busca criar novas significações em torno dos significantes relevantes. E se, na clínica, a transferência busca ser dissolvida, na pesquisa ela é instrumentalizada, ou seja, é impossível para o pesquisador se retirar da sua relação com o tema e com seu fazer.

Resultados

Até o momento foi realizada uma revisão de escopo a fim de conhecer o estado da arte das publicações que utilizam o conceito de sequestro da subjetividade. O objetivo foi identificar como esses trabalhos se referem ao conceito e o utilizam em suas pesquisas. Assim, foi possível concluir que a maioria deles toma o sequestro do ponto de vista da gestão, ou seja, enfoca em caracteres

estratégicos que podem contribuir com a efetivação do sequestro. Por isso faz sentido que seja feita esta pesquisa com um olhar para o sujeito-trabalhador se encontrando com a organização.

Foi escolhido realizar uma revisão de escopo, pois esse tipo de revisão de literatura é adequado para cumprir com o objetivo de responder como (com quais bases teóricas-epistemológicas) estão sendo feitas pesquisas que se utilizam e/ou fazem referência ao conceito de sequestro da subjetividade. Conforme Cordeiro e Soares (2019) e Pollock et. al (2024) a revisão de escopo se assemelha muito à revisão sistemática, contudo esta tenta responder a uma pergunta mais específica a respeito da validade ou não de uma evidência ou conceito. Como o que se busca aqui é um mapeamento do que já foi escrito sobre o objeto da pesquisa, a revisão de escopo demonstrou ser mais adequada, principalmente pelo fato de que ela é utilizada para e cumpre o objetivo de: examinar a natureza de produções em um campo e/ou sobre um conceito e identificar lacunas na literatura existente (Cordeiro e Soares, 2019).

As bases de dados selecionadas para a busca das publicações foram: LILACS plus, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), SciElo e Periódicos CAPES. Para apurar a busca, o primeiro *sting* utilizado foi "sequestro da subjetividade" AND psicanáli* e foi encontrado apenas um artigo, o que corrobora com o argumento de que a psicanálise pode contribuir para a discussão sobre o fenômeno do sequestro. Em nova busca foram retiradas as aspas e o *sting* foi: sequestro da subjetividade AND psicanali*. Mais uma vez apenas um artigo foi encontrado; o mesmo da busca anterior. Então optou-se por retirar o descritor psicanali* e treze artigos foram encontrados. Como esse número poderia ser maior, a última busca foi feita com o *sting*: sequestro da subjetividade. Foram encontrados 21 artigos. Como o número de resultados não foi expressivo em nenhuma das buscas, nenhum filtro foi aplicado. Depois de encontrados os 21 artigos, o que se seguiu foi uma leitura dos títulos e resumos no intuito de selecionar aqueles que estavam de fato relacionados com o tema desta pesquisa. Dessa filtragem sobraram onze artigos para análise aprofundada e exposição.

Foi feita uma busca pelo site de cada uma dessas revistas e realizada leitura da página inicial em que há a descrição da revista. Assim, chegamos ao seguinte dado: das nove revistas, quatro são da área da Administração (revistas 1 2, 3 e 5); uma é multidisciplinar, com eixos que giram em torno do mote "Estudos Organizacionais" (revista 4); uma é da Psicologia Social do Trabalho (revista 6); uma é multidisciplinar com enfoque em estudos críticos em Ciências Humanas (revista 7); uma está inserida na Ciência Geográfica (revista 8); e uma na Psicologia Social (revista 9).

O que é possível de perceber com esse dado é que, por mais que haja uma variedade de enfoques nas revistas em questão, cinco delas estão dentro da Administração/Estudos Organizacionais. Sendo a pergunta que norteia esta revisão "como estão sendo feitas pesquisas que se utilizam do conceito de sequestro da subjetividade?" parte da resposta começa a se delinear: estes estudos estão sendo feitos, majoritariamente, sob o guarda-chuva da Administração/Estudos Organizacionais. Isso pode revelar que não existe tanta atenção ao trabalhador e seu encontro com a tática do sequestro. Mas, para concluir algo a respeito disso, é necessário adentrar aos textos.

As chaves de leitura selecionadas para a análise dos textos foram as seguintes: objetivo; objeto; tipo de pesquisa; metodologia adotada; abordagem teórico-metodológica; conceito de subjetividade empregado; e como o sequestro aparece. Após a leitura e análise foi observado que os textos possuem enfoques diferentes, abordam a temática sobre diferentes olhares. Por isso foi escolhido organizá-los em grupos de acordo com esses olhares. As categorias de análise, assim, foram organizadas de acordo com esses enfoques. São elas: 1) enfoque na gestão de pessoas; 2) enfoque em práticas discursivas; 3) enfoque no conceito e sua crítica; 4) enfoque em interlocuções.

Na primeira categoria foram inseridos os artigos que falam sobre elementos específicos da gestão de pessoas que podem favorecer o sequestro da subjetividade se realizados da maneira correta; na segunda categoria temos acesso a artigos que versam sobre práticas discursivas no ambiente organizacional que contribuem para o sequestro. Nas duas primeiras categorias é onde fica

evidente a existência do enfoque em elementos da gestão e pouca atenção a como ele pode se efetivar ou não em cada trabalhador/a. Na terceira categoria estão os textos que debatem o conceito de sequestro para além do que já estava formulado. Eles ampliam o debate, mas ainda não há atenção para o encontro do/a trabalhador/a com a empresa/gestão. Por fim, na quarta categoria estão organizados os textos que se propõe a dilatar o conceito, colocando-o em contato com o campo da psicanálise e neles, por mais que não haja a intenção de falar em termos de encontro do/a trabalhador/a com a organização, há elementos que nos ajudam muito nessa empreitada.

Os textos encontrados e aqui expostos não são todos os existentes a respeito do assunto. É de conhecimento dos pesquisadores que há teses e dissertações que versam sobre o sequestro da subjetividade e/ou fazem uso do seu conceito para expor sobre determinado assunto. O que pretende-se fazer com esses textos é debater a validade e disponibilidade de tempo de pesquisa para adicioná-los à análise.

Resultados esperados

Para além do já exposto, espera-se poder realizar uma revisão que tensione os conceitos de subjetividade da Economia Política do Poder e da psicanálise a fim de ampliar a compreensão sobre esse fenômeno complexo. Também busca-se uma tecitura dos quatro conceitos fundamentais em psicanálise (pulsão, inconsciente, transferência e repetição) mais a noção de narcisismo, pois, se tratando de um fenômeno de intensa identificação, para falar sobre ele é necessário que se passe pelo narcisismo e se chegue à *dissimulação.* Assim, espera-se contribuir com a discussão em torno do conceito de sequestro da subjetividade, compreendendo que o sujeito que se encontra com a tática do sequestro deixa que ele se efetive por ignorância (não reconhecimento das relações de exploração) ou se estiver disposto a não questionar as relações e sua posição frente às estratégias de gestão, ou seja, dissimular a exploração por que passa, podendo, inclusive, fazer de conta que é uma exceção à regra, um ser mais-que-especial para a organização em que trabalha.

Sobre a subjetividade, vale resgatar Hoenisch e Cirino (2010) para lembrar que esse termo não é novo para a psicanálise, mas que, apesar disso, carece de ser devidamente conceituado. Askofaré (2009) problematiza o campo lacaniano que dogmatiza o seu saber e ignora o fato de que este, quando se refere à necessidade do/a analista de alcançar a *subjetividade de sua época* está falando que há um elemento histórico e cultural na produção desse sujeito - que seria o que um significante representa para outro significante. Não vivemos em uma época em que reina o *sujeito da religião*, mas um *sujeito da ciência* (de acordo com o argumento de Askofaré), portanto não cabe ouvir o sujeito contemporâneo imaginando que o Outro é, ainda, o mesmo que foi a séculos atrás. Existe um elemento ideológico de extrema importância na construção desse Outro e isso não pode ser negligenciado. Entretanto, a aventura por esse campo de interlocução entre a psicanálise (freudo-lacaniana) e o marxismo é perigosa; requer atenção especial. Busca-se, com a presente pesquisa, prosseguir nesse campo de interlocução para que o/a trabalhador/a envolto/a nas táticas de gestão seja tomado/a como um sujeito do inconsciente; e que esse mesmo sujeito, ao chegar em um espaço analítico, não seja tomado como mero efeito de palavras já ditas e sem história.

O que sustenta a práxis psicanalítica - e consequentemente seu entendimento a respeito da subjetividade - são seus conceitos fundamentais. O primeiro deles, o *inconsciente,* é inaugural de uma nova maneira de entender a experiência humana. Quando Freud, em "A Interpretação dos Sonhos" (1900/2019) defende e argumenta que possuímos três instâncias (consciente, pré-consciente e inconsciente) psíquicas e que a instância inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, o indivíduo passou a ser visto para além da seu corpo físico e biológico. A pertinência de levantar o inconsciente como chave de leitura para esta pesquisa é a definição de subjetividade dada por Faria e Meneghetti (2007):

> A subjetividade refere-se à forma de construção da concepção ou percepção do real, que integra o domínio das atividades psíquicas, emocionais e afetivas do sujeito individual ou coletivo que formam a base da tradução racional idealizada dos valores, interpretações, atitudes e ações (p. 46).

Essa definição aproxima a subjetividade da consciência. Dessa forma, o que a organização sequestra do trabalhador é sua possibilidade de elaborar criticamente sobre a realidade. Com a introdução do sujeito do inconsciente, uma nova maneira de observar esse/a trabalhador/a é possível. Aquilo de mais inovador nessa tese é a cisão do sujeito que, até então, se considerava inteiro; era, ainda, senhor de sua própria morada. A noção de Freud, aliada ao que está no ensino de Lacan, compreende que o inconsciente é acessado através do discurso, ou melhor, através daquilo que escapa nele, os atos falhos e chistes juntos com os sonhos e os sintomas.

A *pulsão*, outro conceito fundamental da psicanálise, é entendida por Freud como limite entre o psíquico e o somático, configurando-se como uma exigência de satisfação (Freud 1915/2010). Em "Além do Princípio do Prazer" (1920) Freud diferencia *pulsões de vida* - pulsões sexuais e de autoconservação que impulsionam o sujeito a preservar a vida - e *pulsões de morte* - que tendem à destruição e à repetição como retorno ao estado inorgânico. Em Lacan, a pulsão passa a ser entendida como movimento que está sempre fadado a apenas contornar o objeto; é uma exigência de satisfação que obtém um gozo. O conceito de pulsão se faz importante no entendimento do sequestro da subjetividade pois, conforme Marcuse (1975), todo sujeito necessita satisfazer suas pulsões seja qual for a sociedade em que vive; como vivemos em uma cultura que obriga o trabalho em organizações, qualquer um irá, necessariamente, encontrar uma forma de se satisfazer. Nesse cenário, a gestão do trabalho no modelo de produção capitalista produz formas de satisfazer seus trabalhadores, deixando-os menos críticos.

A *transferência*, mencionada pela primeira vez na exposição que Freud faz do caso Dora em "Análise fragmentária de uma histeria" (1905/2016), é uma reprodução de impulsos e fantasias presentes nos sujeitos desde muito tempo em sua história, sendo atualizados em relações atuais. Numa análise, o que o/a analisando/a sente em relação a seus familiares e amigos é atualizado naquilo que ele sente em relação ao seu/sua analista, que maneja a transferência como motor de tratamento. Ao fim, essa transferência deve ser desfeita e aquele que foi ouvido é, então, capaz de ouvir também. Em Lacan, ela se instala a partir da suposição de um saber que o/a analisando/a produz em relação ao/à analista - aquele que sabe o que tenho e como irei me livrar disso de uma vez por todas. Não há motivos para não pensar que o/a trabalhador/a, ao se encontrar com a organização de trabalho, transfira afetos para seu ofício e para aqueles/as que fazem parte do seu cotidiano laboral.

A *repetição* é, por sua vez, uma tendência do psiquismo que impulsiona o sujeito a reviver experiências passadas no presente. Pode ser entendida como parte da resistência do analisando ao tratamento, que ao invés de progredir em direção à cura, repete atos e comportamentos fora e dentro e sessão, ou como *modus operandi* da psique que aponta para a pulsão de morte. Está intimamente relacionada ao movimento pulsional de busca do objeto (perdido) *a*. A vida organizacional é, assim, também receptáculo das repetições daqueles que estão inseridos nela e, para uma compreensão da chegada de um indivíduo ao mundo do trabalho, faz-se necessária a certeza de que ele, fatalmente, repete.

Por fim, para apresentar brevemente os conceitos que guiarão o restante da pesquisa, nos resta falar sobre o *narcisismo*. Ele é, resumidamente, um investimento de energia libidinal no próprio Eu do indivíduo; está relacionado à estruturação da identidade, tão importante quando se discute o sequestro da subjetividade.

Portanto, tomando o conceito de inconsciente da psicanálise como chave de leitura para o sequestro da subjetividade, o conceito de Faria e Meneghetti (2007) passa a requerer o entendimento de que a subjetividade não tem a ver apenas com a capacidade de elaboração crítica a respeito da realidade, mas passa, também, pela dimensão inconsciente e consequentemente pela noção de pulsão. Ela aparece como elemento que move o sujeito em busca de um objeto que não será alcançado. Se relaciona com a transferência que o trabalhador estabelece com a organização e com a repetição compulsória de atos que simulam o alcance (retorno) do narcisismo primário, no qual o bebê se sente o ser mais-que-especial da mãe. Esses conceitos iluminam a discussão a respeito da subjetividade para a psicanálise, mas ainda não esgotam o assunto. Para isso, Torezan e Aguiar (2011) apresentam uma discussão sobre o que seria a subjetividade para a psicanálise e concluem dizendo que:

> "Em síntese, a subjetividade, para a psicanálise, é definida como dividida em duas ordens de funcionamento, relativas ao consciente e ao inconsciente, e essencialmente constituída pela sintaxe inconsciente. O sujeito da psicanálise é o sujeito do desejo, estabelecido por Freud através da noção de inconsciente, marcado e movido pela falta; distinto do ser biológico e do sujeito da consciência filosófica. Esse sujeito se constitui por sua inserção em uma ordem simbólica que o antecede, atravessado pela linguagem, tomado pelo desejo de um Outro e mediado por um terceiro" (p. 552).

Portanto, o que se pretende com a continuidade desta pesquisa é, a partir das bases apresentadas acima, tecer um entendimento sobre a dinâmica psíquica em sua relação com o fenômeno do sequestro da subjetividade. Ou seja, o que ocorre subjetivamente com um/a trabalhador/a no momento do seu encontro com a organização de trabalho, fazendo-o se submeter ao sequestro da subjetividade. O caminho que se visualiza passa pela discussão sobre a dissimulação discursiva, presente e disseminada nas organizações capitalistas, que, para continuarem se reproduzindo, fazem uso da dissimulação como estratégia de gestão. Infere-se que esses campos - da organização e da subjetividade, são profícuos para a criação de relações imaginárias.

Conclusões

O sequestro da subjetividade é um fenômeno forjado no contexto das relações sociais e de trabalho capitalista, ou seja, acontece como resultado de uma interação dialética entre o desenvolvimento das forças produtivas e a oposição e limitação à efetivação da dominação consequente do sistema de produção capitalista. É por haver um espaço entre a vontade do capital em ter todos os caracteres da vida humana para si e a efetivação dessa vontade, que ele necessita investir em tecnologias de gestão (e também físicas, mas a separação entre elas é apenas propedêutica) que efetivem a submissão dos/as trabalhadores/ as ao capitalismo.

O desenvolvimento histórico do capitalismo o levou a sofisticar os sistemas de controle, culminando no sequestro da subjetividade. Contudo, ele pode se efetivar ou não a depender da constituição subjetiva de cada um/a que se encontra com o mundo do trabalho. Para a compreensão da dimensão subjetiva presente no sequestro, a psicanálise comparece como possibilidade para uma outra leitura do fenômeno. É para construir essa leitura que se propõe a presente pesquisa. O que se conclui por ora, tendo em vista que se trata de uma pesquisa em construção, é que as organizações produtivas contemporâneas são lócus de dissimulação discursiva que engendra subjetividades também dissimuladas, isto é, sujeitos impossibilitados de compreender a opressão que sofrem e por isso, são sequestrados. Para aqueles que captam, mesmo que inconscientemente, as armadilhas

dessas relações, resta o mal-estar e toda sorte de sintomas, tão comuns nas organizações de trabalho contemporâneas.

Referências

ASKOFARÉ, S. Da subjetividade contemporânea. **A peste**. São Paulo, v. 1, n.1, p. 65-75, 2009

CORDEIRO, L., SOARES, C. B. Revisão de escopo: potencialidades para a síntese de metodologias utilizadas em pesquisa primária qualitativa. **Boletim de Instituto Saúde-BIS**. p. 37-43, 2019

FARIA, J. H. de; MENEGHETTI, F. K. O seqüestro da subjetividade e as novas formas de controle psicológico no trabalho: uma abordagem crítica ao modelo toyotista de produção. In: **XXV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (ANPAD)**, 25, Campinas, 2001.

FARIA, J. H. de. **Economia Política do Poder**. (Vol. 1). Curitiba: Juruá, 2004

FARIA, J. H. de. **Economia Política do Poder**. (Vol. 2). Curitiba: Juruá, 2004

FARIA, J. H. de. **Economia Política do Poder**. (Vol. 3). Curitiba: Juruá, 2004

FARIA, J. H. de; MENEGHETTI, F. K. O sequestro da subjetividade. **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, v. 1, p. 45-67, 2007.

FARIA, J. H. de, MENEGHETTI, F. K. (Sem) saber e (com) poder nos estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE**. vol. 8, n. 1, p. 38-52, mar. 2010.

FARIA, J. H. de. **Poder, Controle e Gestão**. Curitiba: Juruá. 2017.

FARIA, J. H. de. A realidade e seu conceito: comentários sobre a crítica ao "sequestro da subjetividade". **REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)**, v. 25, n. 1, p. 269–282, jan. 2019.

FERRAZ, D. L. da S. Sequestro da subjetividade: revisitar o conceito e apreender o real. 2019.

FREUD, S. **Além do princípio do prazer** (1920). In: _____. *Obras completas: História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)*. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14

FREUD, S. **Fragmento da análise de um caso de histeria ("O caso Dora")** [1905]. In: _____. Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2019

HOENISCH, J. C. D, CIRINO, C. D. S., Nem identidade, estrutura ou personalidade: reflexões sobre o lugar da subjetividade e sua incidência no pensamento psicanalítico contemporâneo. **Estudos de Psicanálise**. Aracajú, n. 34, p. 45-52, 2010

IRIBARRY, I. N. O que é pesquisa psicanalítica. **Agora: Estudos em teoria psicanalítica**, v. 6, n. 1, p. 115-138, 2003

LACAN, J., **Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola**. In. *Outros Escritos* (p. 249-264). Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975

POLLOCK, et. al, “How-to”: scoping review? **Journal of clinical epidemiology**, 176, 11572

TOREZAN, Z. C. F., AGUIAR, F. O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. **Revista subjetividades**, Fortaleza, v. 11, n. 2, p. 525-554, 2011